



Revista Affectio Societatis
Departamento de Psicoanálisis
Universidad de Antioquia
affectio@antares.udea.edu.co
ISSN (versión electrónica): 0123-8884
ISSN (versión impresa): 2215-8774
Colombia

2012
Maria Elisa França Rocha
ESTAMIRA, UM ITINERÁRIO
Revista Affectio Societatis, Vol. 9, N° 17, diciembre de 2012
Art. # 22
Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia
Medellín, Colombia

ESTAMIRA, UM ITINERÁRIO

Maria Elisa França Rocha¹

Resumen

El artículo trata de una reflexión sobre los conceptos de Jacques Lacan acerca de la Psicosis, basados en el testimonio grabado en película de una psicótica que vivía en el basurero mayor de la ciudad de Río de Janeiro. El habla de Estamira, así como su cotidiano fueron grabados durante tres años por el cineasta Marcos Prado y transformados en película premiada en varios festivales internacionales de cine. La autora ha identificado en este documento la teoría viva de Lacan al respecto de la estructura psicótica. Ha recorrido también a Freud, y al libro de Daniel Schreber con sus análisis posteriores.

Palabras claves: psicosis, Lacan, cine, metáfora delirante.

ESTAMIRA, AN ITINERARY

Abstract

This article is a reflection about Jacques Lacan's conceptions on Psychosis, based on a film reflecting the life of a psychotic woman who lived in the largest landfill in the city of Rio de Janeiro. The film, which tells the story of Estamira and her daily life, was filmed over three years by filmmaker Marcos Prado and won various awards at several international festivals. The author has identified in this document the living theory of Lacan on psychotic structure. She also covered Freud's work, as well as the subsequent analysis of Daniel Schreber.

Keywords: psychosis, Lacan, cinema, delusional metaphor.

¹ Psicoanalista clínica del Corpo Freudiano de Río de Janeiro, núcleo Goiania. Doctora por la Universidad Autónoma de Barcelona. Profesora Asociada, Universidad Federal de Goiás (Brasil). lisafranza@uol.com.br

ESTAMIRA, UN ITINÉRAIRE

Résumé

Cet article est une réflexion à propos des concepts de Jacques Lacan sur la psychose, basée sur un film témoignant de la vie d'une psychotique qui a vécu dans la plus grande décharge de la ville de Rio de Janeiro. Le film, qui raconte l'histoire d'Estamira et de sa vie quotidienne, a été tourné pendant trois ans par le cinéaste Marcos Prado et a obtenu différents prix dans plusieurs festivals internationaux. L'auteure a identifié dans ce document la théorie vivante de Lacan sur la structure psychotique. Elle a également parcouru l'œuvre de Freud, ainsi que l'ouvrage et les analyses ultérieures de Daniel Schreber.

Mots-clés : psychose, Lacan, cinéma, métaphore délirante.

Recibido: 06/04/12 Evaluado: 12/06/12 Aprobado: 20/06/12

Este trabalho é uma reflexão sobre a psicose a partir do filme de Marcos Prado, *Estamira*, nome do documentário e da protagonista à qual se refere, e que trabalhava à época da filmagem, nos anos de 2001 a 2004, como catadora de lixo no Aterro Sanitário de Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro, Brasil.

O depoimento filmado de Estamira ilustra com clareza as reflexões de Sigmund Freud e Jaques Lacan sobre psicose. Por essa razão, é inevitável a referência ao livro de Daniel Paul Schreber (1995), que inspirou Freud, e também por ser o testemunho de Schreber, ainda, o que a literatura mundial tem de mais pungente sobre o registro da fala de um paranoico.

Schreber era um homem culto e informado e Estamira, uma pobre mulher com poucos estudos, e embora a meta deste trabalho não seja a de comparar os dois discursos, o testemunho de Schreber e os estudos que gerou são as bases fundamentais para este ensaio.

Schreber, com suas capacidades intelectuais e financeiras, praticamente realizou sozinho sua obra. Lutou por ela, recorreu à Justiça para dispor de seus bens e publicá-la. Já o legado atual de Estamira foi intermediado pelo trabalho de Marcos Prado, que, com uma câmera super 8 de cinema, realizou uma obra artística construída a partir da fala e de imagens do cotidiano de Estamira. O documentário que correu o mundo e acumula 29 prêmios, sendo 25 deles internacionais, permitiu que Estamira publicasse sua obra. Deu-lhe voz.

“Esta Mira, esta Mar, esta Serra, esta mira está em tudo quanto é canto... todos vêm a Esta Mira” (Prado, 2006). O que Estamira nos diz é que ela está tomada pelas palavras, sofre de um distúrbio de linguagem, não desliza pelo significante. De seu nome retirou o significado: ela é o mundo, ela é a paisagem, ela é a visão que alguém pode ter, é a mira de todo mundo. Ela é a Esta Mira. A que está completamente exposta ao olhar dos outros. Seu delírio apoia-se na palavra, no seu nome próprio, e é todo articulado em palavras que têm pra ela significados de entidades poderosas, a começar pelo seu grande inimigo, o Trocaldillo, aquele que confunde a ordem das coisas, que perturba a ordem do mundo, que maltrata o seu corpo (Prado, 2006): “Oh, tá dando controle remoto aqui.”, justifica o mal-estar orgânico.

Como em Schreber, o pensamento em Estamira não se sustenta no equívoco próprio do jogo de significantes, mas no significado estrito das palavras revestidas de poder. Freud diz que o psicótico trata as palavras como coisas. Para Estamira, elas são entidades mágicas, elas são o concreto, o resto é abstrato, ela mesma diz (Prado, 2006): “A água, o fogo, tudo é abstrato.”

Tomaremos por base o fundamento de que a linguagem é a própria Alteridade que se apóia, por isto, em um terceiro, isto é, que a mensagem do sujeito vem sempre do Outro, desde sua origem. É o Outro que permite ao sujeito reconhecer-se como sujeito falante, como falasser, tão bem ilustrado por Lacan no estágio do espelho. Se não há um terceiro, uma linguagem mediadora que vem do outro para dizer ao bebê: *esta coisinha aí que se move é você*, a criança não se reconhecerá na imagem. Ela só compreende a imagem quando reconhecer o reflexo da mãe, do outro, no espelho. Só no reconhecimento da mãe, de um outro, poderá reconhecer-se a si mesma. E o mediador fundamental para o reconhecimento da Imagem é a Linguagem, é o Outro.

A Linguagem será também a base de formação do Inconsciente (ICS). Lacan defende que o Inconsciente constitui-se efetivamente no universo de letras, letras que adquirem uma positividade ao encontrarem seu lugar no real, no depósito das pulsões, do que escapa ao recalque:

O admirável do ICS é que ele não tem outra materialidade além dessa contigüidade de letras, letras que não conhecem nenhuma pontuação. A pontuação não pertence à materialidade do ICS. Ela pertence ao processo que articula, com esse material do ICS, o que teria de ser ouvido por algum interlocutor [...] é o endereço que se organiza com uma pontuação [...] O ICS só pode ter esta pontuação se for efeito de uma cesura. (Melman, 2006: 212)

Lacan aborda esta cesura ao interpretar o conceito freudiano de castração como o corte necessário para que a linguagem possa ser utilizada como significante. Para ele, essa cesura é um corte que opera via linguagem, um corte no significado que permite ao falasser servir-se da linguagem, do significante. Lacan vai chamar este corte de Nome-do-Pai, de metáfora paterna. É esta metáfora que faz corte, que inaugura a cadeia significante, que a faz deslizar e remeter-se a um Outro.

Alguma coisa não desliza na fala de Estamira. Ela já não duvida, não há falha em sua teoria, mas certeza absoluta. No delírio, ela não titubeia. Quando fala da sua missão extraordinária, quando mergulha no mundo imaginário que criou para si, Estamira é a toda poderosa, a não castrada, aquela que é capaz de vencer qualquer poder, capaz de rivalizar com Deus.

Para Estamira, saber e verdade estão juntos. Não pode haver falha no saber. Em *Outros Escritos* (Lacan, 2003: 440), respondendo a uma pergunta, Lacan aponta que saber e verdade são incompatíveis. Entre um e outra há um resto inacessível, inexplicável, uma falta que é própria da linguagem, mas que, para o psicótico, é intolerável.

Desse modo, Lacan relaciona a psicose com uma falha na relação com a linguagem, uma falha primordial no S_1 , fundador da cadeia significante que vai permitir ao sujeito articular-se na linguagem, apropriar-se do tesouro da linguagem para constituir-se como falasser. O equívoco é próprio da linguagem, e é da linguagem feita de equívocos que emerge o Sujeito, barrado, dividido ($\$$). Ivan Correa diz que “[o] Outro não é total, não é completo, existe sempre alguma coisa que falta. Você pode perseguir o tempo todo, a sua vida toda, e nunca vai encontrar esse saber total, pleno e absoluto” (Correa, 1997: 129). O psicótico erra em busca desse saber, inventa um saber sem falhas.

Estamira não tem a barra do sujeito introjetada. Falta-lhe esse corte, que a faria senhora de sua fala, de seu destino. Pelo contrário, essas palavras, que são coisas, tomaram conta do seu ser, a escravizam, falam por ela. Para Melman: “É apenas pelo fato de ser dividido que o sujeito é suscetível de experimentar, de viver essa estreita margem de liberdade que lhe permite pensar que não é puro brinquedo do significante, que não é marionete movida por todos os efeitos do significante, é nesta divisão em que se abriga, que os teólogos chamarão de livre-arbítrio” (Melman, 2006: 180).

Para Estamira, não há o livre-arbítrio. A sua fala vem de fora. Os de fora falam com ela, insultam-na, maltratam-na, querem destruí-la como ao mundo. Diferentemente do ICS do neurótico, cuja linguagem não se faz ouvir, o “estranho-familiar” freudiano, o ICS de Estamira parece concreto, sua fala traz à tona uma força estranha, não familiar, que ela atribui a um Outro, a alguém de fora, sem relação com seu ser, uma relação de estranhamento, que não lhe dá opção, que não contempla sua liberdade. Ela não fala, é falada, ouve vozes no lugar onde os neuróticos recorrem ao silêncio para poder falar.

A presença do Outro no discurso de Estamira é diferente da do neurótico. Não chega por meio do ato falho, não desliza, pelo contrário, vem com tudo, tem nome, é o Trocaldillo, seu terrível inimigo, presença de uma exterioridade no centro da sua intimidade, que lhe invade, lhe abusa, impõe-lhe um discurso. Ela ouve a sua voz. Às vezes, lhe enfrenta, xinga-o, defende-se.

Os neuróticos têm em quem se apoiar quando são invadidos pelo estranhamento. Eles foram divididos na origem, na estruturação de seu falasser. Sofreram um corte, uma castração, da qual tentam se defender com o recalque (*Verdrängung*), que lhes deixa de herança um conflito. Estão no mundo do equívoco, não conhecem a verdade, duvidam de seu saber, duvidam do Outro que o constituiu. Na psicose, a estrutura é marcada pela ausência desse conflito, este Outro não é furado, não deixa margem a dúvidas. Na psicose, o Outro, a linguagem, veio como uma forma absoluta, poderosa, mortal.

Lacan define quatro elementos fundamentais na constituição da estrutura psíquica do falasser (estrutura quadripartite), que vai organizar o discurso: S_1 , significante mestre, S_2 , significante do saber que desliza, a , falta/desejo e $\$$, sujeito barrado, dividido. É nessa estrutura Outra, nessa estrutura significante, de Linguagem, que o falante fará a sua casa. O sujeito vai se inserir na estrutura pela neurose ou pela psicose. É sua relação com o Outro que fixará o sujeito em uma estrutura genérica que dê conta do fenômeno. “Só há sujeito de um dizer.” (Lacan, 2004: 60).

A fantasia de cada um vai mostrar como cada sujeito lida com o Outro, como cada um responde ao seu desejo. Para o Real, a fantasia. A fantasia do neurótico mantém nela o seu furo, um lugar vazio, uma *hiância* (hiato) entre enunciado e enunciação. Esse lugar vazio quer saber do Outro qual é o seu desejo, para ter acesso ao seu. Na fantasia do psicótico, não há lugar para o vazio. Não há perguntas, mas respostas que respondem a todas as questões. O psicótico pode construir-se como um teólogo, um cientista, um detentor do saber. Um saber que não admite contestação, que lhe oferece por meio das palavras as significações absolutas.

A fantasia delirante de Schreber de ser a mulher de Deus para dar origem a uma nova raça que re-estabelecesse a ordem do mundo assemelha-se à fantasia de Estamira de ser a heroína absoluta contra o Trocaldillo. Ela também, ao lado do seu Pai, irá destruir o mal. Essa construção fantasística não é simples na psicose. Ela vem à custa de muito sofrimento e elaboração. Schreber e Estamira reclamam da grande carga que são obrigados a suportar. Eles são perseguidos, inimigos querem acabar com eles e com o mundo. Estamira reclama que os astros negativos estão tomando conta de tudo, só ela pode salvar o mundo desse destino devastador.

O discurso da psicose é o discurso da salvação da espécie. Schreber e Estamira podem salvar-se e salvar a humanidade com eles. Estamira, por meio da revelação dos segredos do Pai, da Verdade, aos outros homens, e Schreber inauguraria com Deus uma nova humanidade por meio de sua própria emasculação e consequente gravidez de Deus. Em ambos os casos há um Outro muito poderoso, Outro não barrado, sem corte, no qual se espelham. É o Nome-do-Pai, sem o suporte da função simbólica. É por amor a este Pai ideal, que, de alguma forma, não compareceu antes, que Estamira vai lutar para mudar seu destino insuportável.

Uma manifestação dessa falha na sua inserção na Linguagem é o dialeto próprio ao qual Estamira recorre. Como Schreber, ela também está atrás de uma língua outra. Schreber investiu tempo e trabalho para descobrir que a *língua fundamental* usada por Deus era o alemão arcaico. Menos culta, criada longe do universo

dos livros, Estamira inventa uma língua. Melman defende que a língua materna “é a língua na qual posso falar como mestre —uma língua estrangeira pode dar— me uma mestria emprestada, de competição, de demonstração. Mas na materna, falo como chefe” (Melman, 2006: 151).

Onde está a língua materna de Estamira? Ao recorrer ao dialeto, Estamira mostra que lhe falta uma ancoragem nessa língua. Lacan diz no seu seminário sobre as psicoses que “o sujeito psicótico ignora a língua que ele fala” (Lacan, 1997: 20). Para falar, Estamira mistura palavras com sotaque alemão, italiano, muda a ordem das letras, a fonética. É uma língua só dela. Ela demonstra que o português, que poderia ser a sua casa, não lhe basta para exprimir-se. Há uma falha no simbólico. É preciso, pois, buscar uma linguagem nova. Ali, sim, ela é mestre, com o Outro excluído.

A literatura mostra que, não raro, na psicose, os sujeitos inventam uma língua outra, mesmo outro sistema fonético, na tentativa de vencer esse Outro poderosíssimo que lhe foi imposto. Usar de uma outra linguagem é, de alguma forma, exercer também algum poder, subverter uma ordem, impedir que o Outro goze sozinho a custa do que lhe impõe.

A forclusão e a errância em busca do Pai que faltou

Essa falta originária na estruturação do sujeito psicótico levanta uma questão. Como já foi citado anteriormente, o termo cunhado por Lacan para traduzir a *Verwerfung* freudiana é a forclusão. Ele completa o conceito como a forclusão de uma positividade, o Nome-do-Pai. O papel de agente da castração dado ao pai simbólico na relação da criança com a mãe, que vai gerar a *Verdrängung*, não é exercido. A diferença nesse mecanismo foi marcada por Freud ao escolher para definir essa estrutura de defesa uma outra palavra, *Verwerfung*. A castração não opera, não pode ser negada, não pode ser recalçada porque está forcluída, porque não compareceu.

Lacan faz uma diferença fundamental entre ter um pai e o comparecimento do pai no simbólico, por isso prefere falar de *Metáfora Paterna*, em um nome. O neurótico tem o Nome-do-Pai. Ele reconhece um pai de suposto saber e organiza-se diante dessa filiação ao Outro. Por esta filiação pode fazer do saber também sua potência. Pode ter acesso ao gozo fálico, acolhido como herança do pai.

O saber que o psicótico constrói não tem filiação, é um saber que se inventa a si mesmo, elabora um saber que não lhe foi transmitido, por esse motivo é sempre um saber fora do lugar comum aos neuróticos, extraor-

dinário, cheio de certezas, retirado do Real e não do Simbólico. Os neuróticos têm onde se apoiar quando são invadidos pelo estranhamento. Eles são frutos desse estranhamento, foram divididos na estruturação de seu falasser. Sofreram a *Verdrängung*, o recalque que lhes deixou uma marca, que os cindiu, dividiu. Por essa razão estão no mundo do equívoco, duvidam de seu saber, duvidam do Outro que o constituiu.

Na psicose, por sua vez, a estrutura é marcada pela ausência desse conflito, esse Outro não é furado. Ne-la, o Outro, a linguagem, veio como um perseguidor. É entendido como uma entidade real, ideal, sem os furos, as falhas que deixam margem às dúvidas. E é para buscar esse Pai que não compareceu, esse pai do imaginário, fora do simbólico, que o sujeito psicótico luta.

A literatura e a experiência mostram que o psicótico não chega ao delírio alegremente, mas depois de muito sofrimento, sofrimento psíquico e também sofrimento material. Quando chegam ao delírio, à construção fantasística de uma outra realidade, já está rompido o laço social, já estão rompidas as relações com o outro, como aconteceu com Estamira. Por isso Freud vai pontuar que há um desinvestimento libidinal na psicose: “[...] o processo de recalque propriamente dito consiste num desligamento da libido em relação às pessoas — e coisas— que foram anteriormente amadas [...] Faz-se assim um retorno ao estágio do narcisismo, no qual o único objeto sexual de uma pessoa é seu próprio ego” (Freud, 1973: 95).

O sujeito psicótico não se interessa mais pelo pequeno outro que o decepcionou, o traiu. Ele carece do Pai que não veio apontar-lhe o caminho, ele não herdou sua força, não recebeu a transmissão do falo. Não o tem para aguentar as adversidades da vida, e é em busca desse Pai Simbólico que ele reduz à impotência todo outro que queira, de alguma forma, ocupar esse lugar. O psicótico é muito preocupado com a Verdade, com o saber sobre o que é certo e o que é errado. Freud chama atenção para essa dimensão ética da psicose: “ademais, era impossível não endossar sua concepção ética”, ao referir-se a Schreber (Freud, 1973: 31). É impossível não endossar a dimensão ética da fala de Estamira.

A relação com o outro é muito difícil por causa do Outro. O Outro de Estamira não é inconsciente, não vem disfarçado como na neurose, Ele apresenta-se no trovão, nos raios, nos caminhões de lixo, nas dores do corpo. Ele aparece para constrangê-la, persegui-la, maltratá-la, quer sua destruição, quer gozar com seu corpo, mesmo sendo assim “veinha, feinha desse jeito” (Prado, 2006). Não há limites para o gozo do Outro. Não há lei, não há filiação.

Lacan afirma que “há uma discordância entre o que há de absoluto na subjetividade do Outro que dá ou não dá amor e o fato de que, para haver acesso a ele como objeto de desejo, é necessário que ele se faça totalmente objeto. É nesse desvio vertiginoso, nauseante, para chamá-lo por seu nome, que se situa a dificuldade de acesso na abordagem do desejo sexual” (Lacan, 2003: 397).

Para Freud, a estruturação psíquica do sujeito tem relação estrita com a sexualidade. Foi por aí que ele formulou as bases de sua teoria e onde esteve até seus últimos escritos. Ele identificou nos delírios de perseguição “a deformação que consiste numa transformação do afeto; o que deveria ter sido sentido internamente como amor é percebido externamente como ódio” (Freud, 1973: 89). Schreber apresenta, com mais clareza que Estamira, o caráter erotomaniaco de seu delírio. No caso de Estamira, a família relaciona o desencadeamento da psicose com um segundo estupro violento que teria sofrido. O que assusta Schreber e Estamira, o que aparece nas suas falas é a defesa necessária para se proteger do gozo do Outro que quer acabar com seu corpo, gozar dele.

O delírio como tentativa de cura

Estamira é vítima da sua certeza de ser completa, não castrada, e para adequar sua teoria a sua triste realidade, dividiu seu Deus entre o Pai, que é bom, que fez o homem como o “único condicional”, e o seu oposto, o Trocaldillo, que inverte tudo, que é “o esperto ao contrário”. Estamira não consegue lidar com a falta de confiança em um ser que não fosse UM. Busca pelo delírio o ponto fixo que não tem, mas que o outro também não. Busca uma força que tem de vir do Outro.

A questão é vista da seguinte forma por Lacan: “No caso das neuroses, o recaiado reaparece *in loco*, ali onde foi recaiado, isto é, no meio mesmo dos símbolos, na medida em que o homem se integra a ele e nele participa como agente e como ator. Ele reaparece *in loco* sob uma máscara. O recaiado na psicose, se sabemos ler Freud, reaparece num outro lugar, *in altero*, no imaginário, e aí com efeito sem máscara” (Lacan, 1997: 124).

Estamira não tem meios de lidar com a falta. Para fazer frente à sua incapacidade, à miséria de sua vida, seu sofrimento, ela encontrou um mundo outro, *in altero*, onde ela tem o controle, onde pode vencer toda e qualquer adversidade. Diz ela que, apesar de “bobinha, sem estudos”, pôde lutar e dar o troco. Como Schreber, ela nunca será vencida. Nem morta. Pelo contrário, “se morrer, fará muito pior”. Ela não acaba, o que está acabando é o mundo.

Freud vai dizer dos delírios de Schreber: “o fim do mundo é a projeção dessa catástrofe interna; seu mundo subjetivo chegou ao fim, desde o retraimento de seu amor por ele” (Freud, 1973: 93-94).

Estamira refugia-se na sua loucura, na sua fantasia delirante, e consegue com ela alguma ação. Encontrou um lugar para si no lixão de Jardim Gramacho. Fora das prisões psiquiátricas, inventa uma vida junto a outros desterrados e constrói seu trabalho no lixo com dedicação e amor. Construiu sua casa com muito afeto. Tem prazer de ali receber a família, cozinhar para os filhos com o fruto do seu trabalho, do que pode recuperar do lixo.

Estamira é uma psicótica. Uma mulher pobre, brasileira, mas também uma metáfora do mundo atual. Ela também representa a loucura do mundo contemporâneo, seu descaso com a natureza, sua supervalorização dos objetos, seu desperdício, sua perversão. Estamira, como muitos de nós, tenta retirar dos destroços, da podridão, a construção criativa da vida.

Sabemos que a reflexão deste artigo aponta para esse impossível que a Psicose representa para a Psicanálise. Considerem-no uma tentativa de passar para a letra a emoção que me inspirou o documentário, e o desejo de tentar relacioná-lo com a psicanálise, essa herança de Freud e Lacan, marcada por impasses.

Referências

- Correa, I.** (2003) *A Escrita do Sintoma*. (3. Ed.). Recife, Brasil: Centro de Estudos Freudianos.
- Freud, S.** (1976) *O caso de Schreber, 1911-1913* (Vol. XII). Rio de Janeiro, Brasil: Imago.
- Lacan, J.** (2004) *A Angústia, Seminário Livro 10*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lacan, J.** (2004) *De um Outro ao outro, Seminário 1968-1969*. Recife, Brasil: Publicação não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife.
- Lacan, J.** (1998) *As formações do Inconsciente, O Seminário livro 05*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lacan, J.** (2003) *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lacan, J.** (1997) *As Psicoses, O Seminário livro 03*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Melman, C.** (2006) *Retorno a Schreber, Seminário 1994-95*. Hospital Henri Rousseau-Paris.
- Schreber, D. P.** (1995) *Memórias de um doente dos nervos*. (M. Carone, Trad.). São Paulo, Brasil: Paz e Terra.
- Prado, M.** (2006) *Estamira* (documentário). Disponível em: <<http://www.estamira.com.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2007.